
ORGANIZAÇÃO DE INFORMAÇÕES DIGITAIS PESSOAIS: Um estudo sobre as práticas e percepções de discentes universitários

Organization of personal digital information: a study on practices and perceptions of university students

Pedro Bertazzi (1), Ariadne Chloe Mary Furnival (2)

(1) Universidade Federal de São Carlos, Brasil, pedrobertazzi@estudante.ufscar.br.

(2) Universidade Federal de São Carlos, Brasil, chloe@ufscar.br.



Resumo

O presente trabalho visou mapear as práticas e as percepções que os discentes de uma universidade federal têm sobre a maneira que organizam, tratam, arquivam e acessam seus arquivos digitais pessoais, além de oferecer um arcabouço informacional sobre o comportamento deles para subsidiar futuras atividades de letramento informacional e desenvolvimento de novas tecnologias. Foi usado como procedimento metodológico a pesquisa de levantamento (*survey*) e a coleta de dados se deu através da aplicação de um questionário online. Os principais resultados encontrados foram que os discentes possuem um sistema próprio de organização e confiam nele. Junto a isso, observamos práticas que podem ser postas em debates e trabalhadas como o salvamento excessivo de arquivos, relutância de apagar arquivos não importantes e a caracterização do sistema em nuvem e HDs externos como arquivos intermitentes. Sendo assim, pode-se concluir que há necessidade de atividades de letramento informacional para estimular e aprimorar as competências em informação nos processos de arquivamento e organização de arquivos digitais dos discentes universitários, o que contribuirá para as tomadas de decisões futuras no mundo acadêmico.

Keywords: Arquivamento digital pessoal; Gerenciamento de informação pessoal; Letramento informacional; Competência em informação.

Abstract

The present work aimed to map the practices and perceptions that the students of a Brazilian federal university have about the way they organize, treat, archive and access their personal digital files, besides offering an information framework about their behavior to support future information literacy activities and the development of new technologies. The methodological procedure used was survey research, and data were collected through the application of an online questionnaire. The main results found were that the students have an organizational system of their own and trust it. Along with this, we observed practices

that can be discussed and worked on, such as excessive saving of files, reluctance to delete unimportant files, and the characterization of the cloud system and external hard drives as intermittent archives. Thus, it can be concluded that there is a need for information literacy activities to stimulate and enhance information competencies in the processes of archiving and organizing digital files of university students, which will contribute to future decision-making in the academic world.

Keywords2: Personal digital archiving; Personal information management; Information literacy; Digital information competencies

1 Introdução

O crescente desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (as TIC) tem influenciado a forma como os usuários organizam e gerenciam seus arquivos digitais. Na Ciência da Informação, a área de pesquisa relativamente emergente denominada *Personal Information Management* (PIM) é a que busca estudar e compreender como que as pessoas realizam todo o processo de acesso, organização e recuperação da informação, seja ela em formato físico ou digital.

Teevan (2008) afirmam que em um mundo ideal, nós podemos ter a informação correta, no tempo correto e no contexto ideal assim que precisamos; entretanto, isso nem sempre é possível, devido à forma com a qual essa informação tem sido organizada. Assim, avaliar a forma como um determinado público realiza o processo de organização de seus arquivos digitais tornou-se um relevante objeto de estudo, uma vez que o arquivamento digital pessoal depende de uma competência do indivíduo em realizar a seleção de seus documentos e fomentar a criação de seus próprios métodos de tratamento, busca e recuperação. Sendo assim, entendemos que o PIM se configura como um subcampo da Competência em Informação, e mais especificamente, no ramo desta que foca na competência em informação digital, a chamada “*digital literacy*”.

Com o advento de novos programas de armazenamento e organização de documentos, esses processos sofreram uma grande influência dessas novas tecnologias, alterando a forma como o indivíduo se relaciona e lida com suas informações digitais. Para Krtalić et al. (2016), a mobilização da comunicação diante das novas tecnologias moldou a ideia de que máquinas e aplicativos devem fazer todo o trabalho, livrando as pessoas da realização das tarefas de seleção, organização e arquivamento de documentos digitais. Sendo assim, é possível notar a necessidade de se abordar o gerenciamento e o arquivamento digital pessoal – doravante, atividades conotadas pela área PIM – de uma forma mais específica e crítica. Swigon (2014) chama a atenção para as

adaptações permanentes às novas circunstâncias que as mudanças do mundo tecnológico exigem, fazendo parte da aprendizagem do ser humano ao longo da vida. Com isso, junto às constantes atualizações tecnológicas, as pessoas também se atualizam e passam a desenvolver novas habilidades e competências para prosseguir com as atividades diárias em diversos campos.

Diante do exposto, a questão que norteou a pesquisa¹ foi: como os discentes da universidade estudada armazenam, organizam e recuperam seus arquivos digitais pessoais que tem acumulado ao longo do tempo? Teve como objetivo geral identificar práticas e entender as percepções de estudantes – em nível de graduação e pós-graduação – de todas as áreas de conhecimento de uma universidade federal em relação à forma como esses estudantes gerenciam e arquivam as suas informações digitais pessoais. Os objetivos específicos eram: (1) Identificar as manifestações de PIM – formas de organizar, indexar e recuperar a informação dos arquivos pessoais; (2) Averiguar as percepções e o grau de importância que os estudantes atribuam ao PIM; (3) Mapear as preferências dos participantes aos usos dos serviços de armazenamento em nuvem.

Entendemos que, ao estudar o fenômeno do PIM entre universitários, será possível compreender os seus comportamentos durante tais práticas e quais são os pontos que geram dificuldades no processo de recuperação da informação. Nesse sentido, outro objetivo mais amplo da pesquisa é o de propor intervenções de competência em informação e letramento digital a serem ofertadas. Elas ensinarão sobre técnicas de segurança e gerenciamento de informações, visando a harmonização dessa prática e mostrando a sua real importância para os processos de estudo e no trabalho do serviço de referência voltada para o ensino “[...] de métodos e técnicas de busca e uso da informação e exploração de recursos informacionais, tanto para atividades relacionadas ao curso imediato de estudo quanto para as necessidades da vida profissional futura” (Caregnato 2000 p. 48).

No que se refere aos sujeitos da presente pesquisa, os discentes de universidade se configuram como um público interessante, visto que o mundo acadêmico exige a criação, consulta e troca de arquivos digitais constantemente. Como Krtalić et al. (2016 [não paginado] tradução nossa) afirmam:

¹ A pesquisa foi financiada com uma bolsa PIBIC-CNPq.

Bertazzi, Pedro, e Furnival, Ariadne Chloe Mary. Organização de Informações Digitais Pessoais: um estudo sobre as práticas e percepções de organização de discentes universitários. *Brazilian Journal of Information Science: Research trends*, vol. 16, publicação contínua, 2022, e02134. DOI: 10.36311/1981-1640.2022.v16.e02134

Na maior parte de suas vidas acadêmicas, os discentes criam novos conteúdos digitais quase todos os dias - *papers*, trabalhos de casa, trabalhos e projetos escritos e outros documentos e informações pessoais que podem ser importantes para eles arquivarem no futuro.

Dessa forma, analisar um público nascido digitalmente se torna não apenas interessante, do ponto de vista científico, mas também necessário, uma vez que as suas atividades no processo de gerenciamento de informações digitais são vastas e cheias de percepções sobre todo o processo. Outrossim, não são muitos os estudos acerca do PIM desse público específico, sendo menor ainda a produção científica realizada no Brasil.

Entendemos por “arquivos pessoais” informações – salvas em diferentes formatos – que foram criadas digitalmente, salvas e organizadas por uma pessoa em seu domínio próprio, compondo um conjunto para uso próprio. Desta forma, observar como que esse conjunto passa por processos de gerenciamento e organização elucidará as percepções que – visto o objetivo do presente estudo – os discentes possuem sobre tais práticas.

Na segunda parte deste texto, começaremos por apresentar uma breve revisão narrativa da literatura sobre os conceitos do PIM e pesquisas já realizadas, buscando contextualizá-los nos campos mais conhecidos de competência em informação e letramento digital. Numa terceira parte do texto, descreveremos os passos que foram seguidos para realizar a pesquisa de campo. Esta será seguida pela apresentação e discussão dos resultados e então, fecharemos o texto com algumas considerações e colocações a respeito dos possíveis passos a serem tomadas visando intervenções práticas de competência em informação nesta área.

2 Revisão de literatura

A pesquisa iniciou-se com o levantamento da bibliografia da temática central (PIM) e os temas correlatos identificados nos primeiros artigos lidos sobre a temática, a saber: competência em informação e letramento digital. O levantamento foi feito no Portal Periódicos Capes, Doaj e Google Acadêmico, usando os termos e expressões: *personal information management*; *personal AND digital information AND management*; “*personal information management*” AND *university* e “*digital information management*”. É importante destacar que o uso das expressões

em inglês para a coleta da bibliografia se deve ao fato de que não há correspondência de textos que abordem a temática em português.

Logo deu para perceber que os estudos na área de PIM abrangem outras disciplinas e áreas para adquirir um conhecimento amplo de todos os tocantes das práticas de arquivo e organização das informações pessoais. Começaram a abranger as áreas de psicologia cognitiva, gestão de dados, interação humano-computador, inteligência artificial, além da área de ciência da informação.

Baseada no estudo de Soergel realizado em 1985 (1985 qtd. in Barreau 1995), Barreau (1995) conceitualiza o PIM como um sistema que inclui *inputs* que parte da necessidade de informação e das entidades que são parte do sistema e dos mecanismos para organizar, armazenar, manter e recuperar a informação; assim como dos *outputs* que são a própria informação e as entidades obtidas pelo sistema (Barreau 1995 p. 328 tradução nossa).

Acerca do estudo do processo de gerenciamento de informações pessoais de discentes de universidades, houveram estudos que se debruçaram sobre a análise das práticas e percepções deles nos processos de arquivamento, gerenciamento e organização de arquivos digitais ou físicos. Abaixo, estão destacados os principais que inspiraram e nortearam o desenvolvimento da presente pesquisa.

Jones e Teevan (2007) entende PIM como a área de estudo ou as práticas de atividades realizadas por uma pessoa para adquirir, criar, arquivar, organizar, manter, recuperar, usar e distribuir as informações necessárias para o cumprimento de uma tarefa. As informações envolvidas durante esse processo são de caráter pessoal, sendo de suporte físico (papéis, documentos impressos etc.) ou digitais (arquivos online, dados, metadados, dentre outros). Para o autor, o ideal do PIM é de que nós sempre temos a informação certa no lugar certo, da forma correta, com a qualidade e completude suficientes para atender as necessidades atuais. Entretanto, nem sempre isso é possível, sendo em alguns momentos bem difícil de ser atendido.

O estudo de Mizrachi e Bates (2013) olhou as práticas de gerenciamento de informações pessoais de alunos de graduação da faixa etária de 18 a 22 anos da *University of California at Los Angeles* (UCLA). O estudo utiliza essa faixa, uma vez que eles consideram que tais graduandos

são descritos como “nativos digitais”, ou seja, que cresceram em um ambiente digital e em meio a muita tecnologia. A pesquisa buscou observar como os estudantes integram ferramentas digitais, suas preferências em ferramentas de gestão de informações e em quais circunstâncias eles preferem usar cada tipo de ferramenta. O artigo destaca que, em vista da mudança de vida dos estudantes após a entrada ao mundo acadêmico, com vários projetos, trabalhos, tarefas, provas, além de demandas da vida social, a atividade de gerenciamento de informações pessoais e acadêmicas é vista como não-trivial. Entretanto, os autores enfatizam que é necessário fomentar uma consciência acerca da coleta de informações e demandas de gestão da atividade universitária.

Outro estudo que observou as práticas desse mesmo público foi o de Otopah e Dadzie (2013) que investigou as práticas de gerenciamento de informações pessoais de 150 estudantes da Universidade de Gana e quais seriam as implicações para os serviços da biblioteca. O estudo foi conduzido a partir de uma pesquisa em formato *survey* – procedimento de pesquisa que visa a obtenção de informações quantitativas sobre um determinado grupo de pessoas, à partir de suas características e opiniões - que envolveu a aplicação de questionário entre os discentes, levando a conclusão de que diferentes fatores como: formato, habilidades, memória, hábitos e tamanho da coleção eram responsáveis por diversas práticas de PIM entre os alunos. As práticas mapeadas pelo estudo – como a diferença de organização de arquivos impressos e não-impressos, busca de arquivos baseado em sua própria memória, o salvamento dos arquivos em diferentes locais, dentre outras – apontaram que as desvantagens em questão estavam sobre habilidades inadequadas, memória imperfeita e fragmentação de informações. Com isso, também concluíram que se tais aspectos fossem melhorados, acabaria resultando na melhoria da eficácia das práticas de PIM dos alunos.

Hashemzadeh e Salehnejad (2015) investigaram, a partir da aplicação de um questionário entre o público-alvo da pesquisa, o comportamento de PIM dos graduandos da Universidade de Birjand no Irã. Os autores verificaram se os discentes seguiram as atividades básicas de aquisição, organização, manutenção e recuperação propostas por Barreau (1995). O estudo concluiu que o PIM e as quatro atividades entre os graduandos foram menos do que as estimativas desejadas, além de conter diversas diferenças significativas nas atividades comparado com os discentes de mestrado e doutorado.

Krtalić et al. (2016) observaram as práticas e hábitos do gerenciamento de informações digitais de estudantes da área de Ciências Sociais e Humanidades de seis universidades da Croácia. O estudo concluiu que os alunos estão cientes da necessidade de ter uma participação ativa no processo de organização e preservação de seus arquivos digitais, porém eles não desempenhavam tal prática de forma planejada ou regular. Isso se deve uma vez que eles tendem a priorizar os documentos tomados como mais importantes para o momento ou que podem precisar novamente.

Kim et al. (2018) estudaram as atividades de *Personal Health Information Management* (PHIM) - uma área específica dentro do PIM - de estudantes universitários da Universidade de Kentucky. Através de uma pesquisa *survey*, os autores concluíram que as atividades de gerenciamento de informações relacionados à saúde são negligenciadas pelos discentes. Eles destacaram que há consciência quanto à importância das atividades PHIM, entre esse público, porém as competências são fracas, indicando a necessidade de uma atenção maior à formação universitária dos estudantes sobre a avaliação das informações encontradas acerca da área da saúde.

Jacques et al. (2020) analisaram as atividades de PIM de acadêmicos a partir do arcabouço teórico de Jacques (2016) que propõe quatro atividades: seleção, exclusão, apreensão e implementação. O estudo conseguiu identificar que o público da pesquisa adotava diferentes estratégias para realizar o processo de organização das suas informações acadêmicas. Não obstante, a abordagem revelou diferenças na habilidade dos estudantes em analisar suas próprias atividades de organização. Mesmo assim, foi possível propor novos conceitos que ampliam e dão conta melhor das diversas práticas realizadas pelos membros, uma vez que o modelo teórico não as abarcava.

Concomitantemente às atividades de mapeamento e estudo do comportamento dos discentes, entende-se que a conciliação com a área de letramento digital é benéfica tanto para o aprimoramento dos alunos quanto à organização, no que se refere à preservação e conservação dos arquivos digitais. Tais áreas estão atreladas, visto que conforme as tecnologias evoluem, novas competências digitais e informacionais são requeridas dos seus usuários. Com isso, “letramento digital deve ser entendido como um movimento contínuo, visto que as tecnologias digitais evoluem rapidamente” (Ray 2018 p. 2230 tradução nossa).

Martin (2006 p. 19 tradução nossa) define letramento digital como sendo:

[...] a consciência, atitude e capacidade dos indivíduos de utilizar adequadamente ferramentas digitais para identificar, acessar, gerenciar, integrar, avaliar, analisar e sintetizar recursos digitais, construir novos conhecimentos, criar expressões midiáticas e se comunicar com outras pessoas, no contexto de situações específicas da vida, a fim de possibilitar uma ação social construtiva e refletir sobre esse processo.

A partir disso, entende-se que organizar e gerenciar as informações digitais adquiridas ao longo da sua vida permite a construção de novos conhecimentos e tomada de decisões, possibilitando ações sociais exigidas nas diversas situações específicas ao longo da vida. Desse modo, dar atenção às práticas de letramento digital que incitem as competências informacionais requeridas pelas atividades estudadas na presente pesquisa, torna-se extremamente benéfico para o melhor gerenciamento de arquivos digitais, vida acadêmica e tomadas de decisões pelos discentes universitários. É importante destacar que esse trabalho de oferta de tais práticas pode ser realizado junto ao setor de referência de bibliotecas universitárias, o que beneficiaria não só o discente como também o serviço desse setor.

No que compete o conceito de competência informacional, a *American Library Association (ALA)* indica que para um indivíduo ser competente informacionalmente ele:

[...] deve ser capaz de reconhecer quando a informação é necessária e ter a habilidade de localizar, avaliar e usar efetivamente esta informação [...]. Ultimamente, as pessoas competentes em informação são aquelas que aprenderam a aprender. Elas sabem como aprender porque sabem como o conhecimento é organizado, assim como encontrar informações e como usá-las de forma que outros possam aprender com eles. São pessoas preparadas para a aprendizagem ao longo da vida, pois podem sempre encontrar as informações necessárias para qualquer tarefa ou decisão em mãos. (ALA 1989 [não paginado] tradução nossa).

Dessa forma, adquirir o conhecimento e as capacidades para gerenciar a informação em suas diversas manifestações faz parte do processo da competência informacional. Não apenas contribuirá para o usuário da informação em sempre saber recuperá-la e utilizá-la da melhor forma possível, como também favorecerá o processo de sua organização e preservação. Como o relatório da *ALA* indica, as pessoas competentes em informação, são pessoas que estarão em um processo constante de aprendizado, visto que elas sempre estarão com novas tarefas e essas novas tarefas

podem requerer, como visto anteriormente, o uso de novas ferramentas, principalmente ferramentas tecnológicas.

Olhando para o público estudantil, Hatschbach e Olinto (2008 p. 26) falam sobre a importância de potencializar a aquisição das habilidades para o uso da informação:

O desenvolvimento de habilidades para o uso da informação tem um grande impacto no desempenho do estudante, pois fortalece sua capacidade de acessar, selecionar, avaliar e incorporar a informação. Essa competência vai agir ativamente no processo de assimilação, criação e transmissão do conhecimento, elementos-chave para o crescimento intelectual.

Observa-se que para progredir com o melhor uso da informação – além da organização dela – é necessário que haja atividades de letramento informacional, visto que elas estimulam o desenvolvimento das habilidades citadas. Fundado nisso, sabendo lidar da melhor forma possível com objetos informacionais (arquivos, documentos, dados, dentre outros), é possível ter a melhor tomada de decisões e, conseqüentemente, resolução de problemas e/ou cumprimento das tarefas.

Não apenas lidar com a competência informacional, a presente pesquisa também lançou olhares sob a sociologia cognitiva e se propôs a estudar os perfis de categorização de informações pessoais. Baseando-se no trabalho de Oh (2017) que classificou o perfil de categorização de 18 estudantes universitários, buscou-se mapear também os perfis dos seus participantes. A partir do trabalho de Zerubavel (1996 qtd. in Oh 2017), a autora destaca que “A sociologia cognitiva tem uma abordagem perspicaz na compreensão de como as categorias são construídas. Ela fornece uma explicação sobre como as categorias refletem a estrutura mental do categorizador” (Oh 2017 p. 1493 tradução nossa).

Dessa forma, a autora vai trabalhar com três tipos de esquemas mentais (que ela denomina como “*mindscapes*”) para a categorização de informação pessoal: o rígido, o fluído e o flexível. O primeiro esquema mental faz distinções nítidas e estritas entre as coisas e vê o mundo como algo que é feito de compartimentos sólidos e discretos (Zerubavel 1995 qtd. in Oh 2017). Com isso, entende-se que a mente rígida possui as categorias muito bem definidas e não flexibiliza a classificação que realiza das coisas no mundo. O segundo esquema – o fluído –, como afirma Zerubavel (apud Oh 2017 p. 1494) é oposto ao esquema mental rígido, uma vez que as estruturas e limites não são bem definidos. Dessa forma, esse esquema mental evita fazer distinções e realiza

ambiguidades. Por último, o esquema mental flexível é entendido como aquela que fica entre a mente rígida e a mente fluída, e que possui a habilidade de reconhecer limites e estruturas, mas se sente confortável com mudanças ou a exclusão de algumas delas. Sendo assim, o esquema mental flexível consegue entender categorias rígidas, assim como a capacidade de elementos serem ambíguos e transitarem entre elas, não permanecendo em apenas um único local.

A partir dos trabalhos citados acima, que nortearam o desenho da presente pesquisa quanto ao público que foi estudado e à forma de contato com ele para aquisição de dados, e com os debates acerca do uso da informação, letramento digital e competência informacional, a pesquisa foi realizada seguindo os procedimentos metodológicos indicados para atingir os objetivos do estudo.

3 Procedimentos metodológicos

Tendo realizada a revisão da literatura para embasar nossa pesquisa, passamos para a etapa de coleta de dados, para a qual elaboramos um questionário online na plataforma *Google* Formulários. Ele era composto por 28 questões, sendo 3 abertas e 25 fechadas, dividido em duas seções. Na primeira seção, foram apresentadas questões para mapear o perfil dos participantes, com questões sobre idade, nível do ensino superior, área de estudo e a escolha e uso de softwares de organização e armazenamento de arquivos digitais. Na segunda seção, apresentamos sentenças afirmativas sobre pressuposições ou ações sobre o armazenamento e organização de arquivos e o participante avaliava em uma escala *Likert* de quatro pontos ((1) Discordo totalmente; (2) Discordo; (3) Concordo; (4) Concordo totalmente). A escolha de quatro opções na escala *Likert* se justifica uma vez que se almejava um posicionamento do participante sobre as sentenças, impedindo que, em caso de uma opção “neutra” (que seria o ponto três numa escala com cinco pontos), fosse escolhida ela na maioria das sentenças, o que comprometeria a análise dos dados pertinentes para a pesquisa (Chyung et al. 2017). Após cada sentença, era disponibilizado um campo de texto aberto, “comentário”, que permitia o participante inserir informações que julgava importantes sobre a sentença avaliada.

Após ter recebido aprovação do projeto pelo Comitê de Ética (CAAE: 39652020.2.0000.5504), o questionário foi divulgado nos grupos do *Facebook* da universidade

federal estudada, além de pedido de divulgação pelo canal de comunicação oficial da instituição e em e-mail para as secretarias dos cursos de graduação e dos programas de pós-graduação. Estas formas de divulgação foram escolhidas uma vez que eles são os canais de mais fácil comunicação com o público-alvo da pesquisa. A aplicação do formulário durou por dois meses e obtivemos um total de 269 participantes na pesquisa. Por mais que almejávamos respostas de todos os níveis de estudo, não recebemos respostas de participantes de MBA e Pós-Doutorado.

A análise das respostas dos participantes seguiu uma abordagem quantitativa e possui caráter descritivo. Com isso, os dados foram calculados e analisados em formatos de gráficos e tabelas, criados no *Microsoft Excel*. Sendo assim, interpretamos os dados a partir da bibliografia já levantada, com a intenção de atingir os objetivos postos para a pesquisa.

4 Apresentação e análise dos dados

Acerca do perfil dos participantes que responderam ao questionário, foi possível observar que a maior parte deles está na faixa etária mais nova e realizam seus estudos nas Ciências Humanas, como apresentado na tabela abaixo.

Tabela 1 – Perfil dos participantes da pesquisa em relação a idade, grau e área de estudo

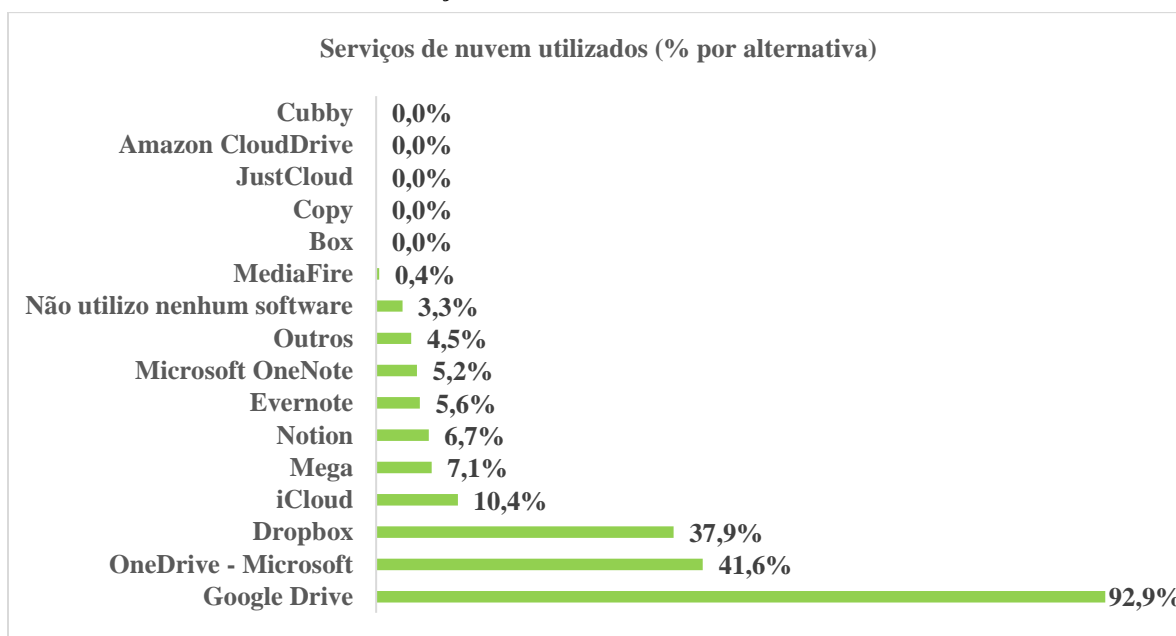
Faixa etária	Qtd.	%
17 - 23	111	41,3
24 - 30	95	35,3
31 - 37	38	14,1
38 - 49	17	6,3
50 ou mais	8	3
Graduação	152	56,5
Especialização	2	0,7
Mestrado	49	18,2
Doutorado	66	24,5
Humanas	120	45
Exatas	100	37
Biológicas	48	18

Fonte: Dados da pesquisa

Acerca das áreas de estudo, mapeamos qual das três grandes áreas científicas (Biológicas, Exatas e Humanas) o participante estava inserido. É importante enfatizar que, analisando os cursos e programas de pós-graduação, inseriu-se o curso na grande área a partir dos centros de ensino e pesquisa da universidade em que o curso esteja alocado.

Na terceira questão do instrumento de coleta, apresentamos aos participantes uma lista de serviços de armazenamento de arquivos em nuvem, para identificar quais eram os mais utilizados pelos discentes. O gráfico 1 que segue apresenta os dados coletados:

Gráfico 1 - Serviços de armazenamento em nuvem utilizados



Fonte: Dados da pesquisa

Como o gráfico mostra, o serviço de armazenamento em nuvem mais utilizado é o *Google Drive*, com 92,9% (n=250) e em seguida, têm-se *OneDrive - Microsoft* (41,6%, n=112), *Dropbox* (37,9%, n=102) e *iCloud* (10,4%, n=28).

Na questão seguinte, foi solicitado aos participantes da pesquisa escolher o motivo de escolha de determinado(s) serviço(s) de armazenamento em nuvem. Os resultados mostram que 89,2% (n=240) dos participantes indicavam que o principal motivo para o uso de determinado serviço de armazenamento é por ele estar atrelado ao e-mail principal e institucional. Em seguida, a alternativa mais pontuada é que “Todos à minha volta utilizavam e seria mais prático obter para

facilitar no compartilhamento de arquivos” (44,2%, n=119). Em terceiro, tem-se a alternativa “Utilizo já faz um tempo e nunca testei outro(s)” com 42,8% (n=115). É importante ressaltar que essa questão permitia que o participante selecionasse mais de uma alternativa, ou seja, mapeava diversos motivos pela escolha do serviço de armazenamento.

Com os dados indicados, pode-se avaliar que a escolha do serviço de armazenamento em nuvem baseia-se no fato de estar atrelado ao e-mail principal, ou seja, o e-mail que mais se utiliza. Os serviços de e-mails mais utilizados são os oferecidos pelo *Google (Gmail)* e pela *Microsoft (Hotmail e Outlook)*, o que corrobora com os dados apresentados no gráfico acima, uma vez que o *Google Drive* é o serviço de armazenamento em nuvem do *Google* e o *OneNote* é o serviço de armazenamento desenvolvido pela *Microsoft*. Além disso, sabe-se que o e-mail é uma ferramenta bastante utilizada para a troca de informações e arquivos, principalmente dentro da universidade, o que acaba exigindo um uso constante e diário. Outrossim, é importante destacar que a universidade estudada oferece a toda sua comunidade (docentes, discentes e técnicos-administrativos) uma conta do *Gmail* dentro do pacote *GSuite* que é o pacote pago, que possui mais ferramentas e vantagens, como espaço de armazenamento ilimitado no *Google Drive*. Com isso, torna-se atrativo o uso dessa conta específica, visto que os discentes podem salvar vários arquivos dentro da nuvem sem haver preocupação sobre o consumo do armazenamento. Dessa forma, pode-se interpretar que a maior escolha do *Google Drive* como serviço de armazenamento em nuvem está influenciada por essa oportunidade oferecida pela instituição de ensino.

Ao perguntar aos participantes acerca do momento em que costumam realizar o *upload* do arquivo para o serviço de armazenamento, apresentamos quatro alternativas no questionário, além da opção de “Outros”: “Assim que tenho acesso a eles, já faço o *upload*.”; “Quando identifico os mais relevantes para a minha tarefa, faço o *upload* apenas desses.”; “Quando termino de utilizá-los/criá-los, faço o *upload*.” e “Quando estou querendo limpar meu computador, faço o *upload* para liberar o espaço.”, sendo que os participantes poderiam selecionar mais de uma alternativa na resposta. Foi mapeado que o *upload* acontece com mais frequência assim que se identifica os arquivos mais relevantes (50,2%, n=135). Em seguida, aponta-se que o *upload* ocorre após a limpeza do computador (39%, n=105) e em terceiro, assim que o arquivo é criado ou utilizado (32,7%, n=88). Os dados apontam que os arquivos que vão para nuvem são os mais importantes,

seja assim que criam e/ou são utilizados, seja após a limpeza do computador. Tal prática comporta ao serviço de nuvem a ideia de um local seguro para guardar os arquivos de maior prioridade e que jamais devem ser perdidos, ao mesmo tempo em que devem ter um acesso facilitado. Podemos inferir que a nuvem é considerada como um “arquivo intermediário”, ou seja, aquele que guardará os arquivos mais relevantes por um longo tempo e que, em dado momento, é acessado para a recuperação de algum documento.

A seguir, buscou-se entender a situação atual dos arquivos dos participantes em relação a sua organização. Para tal, usamos uma questão de caráter fechado que dispunha de três alternativas: “A maior parte dos meus arquivos está organizada”; “A maior parte dos meus arquivos não está organizada” e “Parte dos meus arquivos está organizada e parte não está”. A maioria dos participantes – 60% (n=162) – considerou que a maior parte dos seus arquivos é organizada, seguido por 35% (n=95), que afirmaram ter parte organizada e parte não organizada. Apenas 5% (n=12) dos participantes declararam que a maior parte dos seus arquivos é desorganizada. Isso demonstra que na sua percepção, os discentes possuem um sistema para armazenar seus arquivos digitais que os mantém organizados e potencialmente, então, encontráveis.

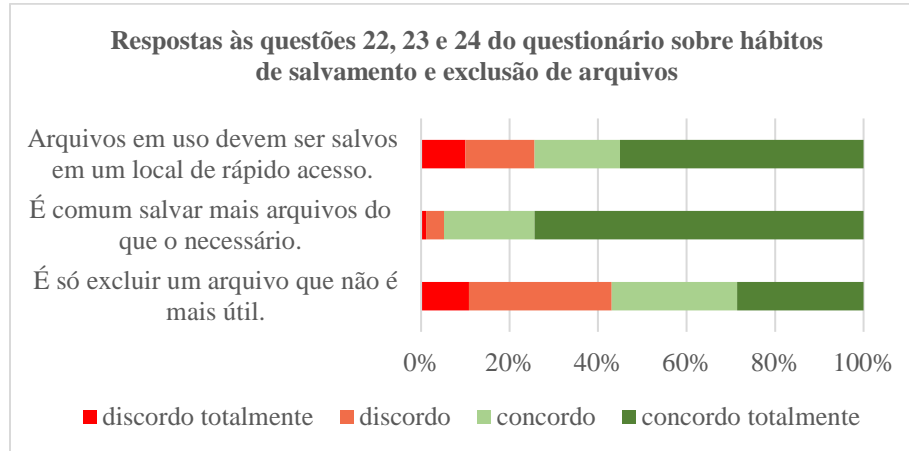
Na seção do questionário composta por sentenças, identificamos que os participantes discordam que a organização dos arquivos seja uma atividade chata: 41,6% (n=112) discordaram da sentença; que demanda muito tempo: 35,3% (n=95) discordaram da sentença. Pelos comentários, nota-se que, de acordo com a percepção dos participantes, a atividade de organização dos arquivos demanda tempo no início, mas é logo recompensada pela facilidade de encontrá-los posteriormente. A fala seguinte ilustra esta posição: “É trabalhoso, mas vale a pena depois”. Outro participante observou que “Acredito que chato por ser metódico, mas é essencial”. Reforçando o comportamento indicado por este resultado, quase metade dos participantes (49,4%, n=133) discordaram da afirmação de que eles começam um processo de organização e desistem após um tempo, o que indica que ter um sistema de organização é algo importante para os discentes, uma vez que permite eles manterem sempre um fácil acesso aos arquivos que salvam. Com isso, após o início, ela é sempre uma atividade que deve ser continuada, como aponta o comentário de um dos participantes: “É comum ter interrupções no processo, por conta da dinâmica do cotidiano. Mas entendo que é um processo contínuo”. Um participante também sinalizou: "Parar no meio do

processo acaba me atrapalhando na organização. Prefiro terminar, mesmo que a organização não seja tão boa, pois sei que posso reorganizar quando achar conveniente.”

Outro ponto identificado é que um pouco mais da metade dos participantes (53,2%; n=143) afirmam encontrar com facilidade os arquivos que estão salvos no computador, sendo que este grupo concordou totalmente com a sentença “Encontro com facilidade os arquivos que estão salvos em meu computador”. Comentários como: “Se pastas e arquivos estiverem bem nomeados, tudo se encontra, se não pelo caminho do diretório, diretamente pela busca do sistema”; “Sempre utilizo o buscador”; “Utilizo o navegador de pesquisa de pasta ou do próprio Windows” e “Trabalho com palavras-chave que me auxiliam na busca por documentos específicos. Por sorte minha cabeça não muda muito com o tempo, então sempre lembro essas palavras-chave haha”, demonstram um uso recorrente do sistema de busca do sistema operacional ou do sistema de armazenamento em nuvem. Com isso, um comportamento identificado e recorrente é o uso dessa ferramenta para evitar a necessidade de percorrer todo o caminho do diretório, acessando pastas e subpastas. Isso é bem distinto daquilo que Khoo et al. (2007) identificaram no estudo sobre a organização de arquivos físicos de escritório, em que os funcionários buscavam os seus arquivos analisando um por um e passando pasta por pasta. A considerável mudança ofertada pela forma de organizar arquivos digitais em computadores permite um acesso mais rápido, direto e com menor tempo, o que também oferece uma tranquilidade na mente da pessoa, pois estão salvos na pasta correta, ao mesmo tempo que a sua recuperação é fácil e imediata quando preciso. Além disso, o uso do sistema de busca é usado concomitantemente a outros recursos como atalhos na área de trabalho ou o “Acesso rápido” do sistema operacional do computador.

Outras três questões feitas aos participantes buscaram identificar hábitos quanto ao salvamento (local e quantidade) e exclusão de arquivos digitais. O gráfico 2 mostra as porcentagens referentes às respostas dadas, respectivamente, aos enunciados: a) “Os arquivos que estão sendo utilizados com mais frequência devem ser salvos em um local de rápido acesso no computador (área de trabalho, barra de tarefas etc.)”; b) “É comum salvar mais arquivos do que o necessário quando se está desenvolvendo um projeto, ou fazendo algum trabalho”; e c) “Quando um arquivo não é mais útil para mim, é só excluir.”

Gráfico 2 - Hábitos referentes ao local, quantidade e exclusão de arquivos digitais



Como o Gráfico 2 mostra, 55% (n=148) dos participantes concordam que os arquivos de uso frequente devem ser salvos em um local de rápido acesso no computador. Em relação a esta sentença, no campo aberto para comentários, houve afirmações como: “Costumo deixar as pastas de uso atual e frequente na área de trabalho. Posteriormente, são deslocadas para um local mais adequado”; “Eles podem ser salvos segundo o padrão de organização e encontrados mais facilmente com ferramentas como fixar a pasta no acesso rápido, que não requerem que sejam salvos de outra forma”; “Facilita, mas após o término do uso, acho interessante realocá-lo na pasta específica.”. Estes comentários demonstram que os arquivos de uso frequente são tratados de forma diferenciada em relação aos arquivos mais antigos e de menor uso. Como o uso é contínuo, eles devem ficar em um local de fácil acesso, permitindo que o encontro com o arquivo necessário seja mais rápido, exigindo menos esforço, barreiras e trabalho no processo de busca. Entretanto, quando o arquivo perde o caráter de necessário e deixa de ser utilizado frequentemente, ele deve ser realocado (às vezes, a pasta toda) para o espaço destinado dentro da organização programada, saindo então dos locais de acesso hábil que são o “acesso rápido”, “área de trabalho” e/ou “barra de tarefas”).

No que tange ao salvamento excessivo de arquivos para o desempenho de uma tarefa, em resposta à sentença (da questão número 23 do questionário): “É comum salvar mais arquivos do que o necessário quando se está desenvolvendo um projeto, ou fazendo algum trabalho”, o Gráfico 2 aponta uma porcentagem alta de total concordância pelos participantes. Um total de 74,3%

(n=200) dos participantes concordam totalmente de que é comum salvar mais arquivos do que o necessário quando se está trabalhando em um projeto ou fazendo uma tarefa. Entre os comentários, encontrou-se uns como: “Sim, mais depois de terminar o trabalho, procuro organizar estes novos arquivos ou apagá-los se forem descartáveis”; “Por exemplo, numa pesquisa científica sempre achamos inúmeras fontes de autores diferentes, é um processo comum de busca.”; “Nunca sabemos o que vai ser usado, sempre achamos que vamos usar mais do que precisamos de fato”; “Sim, é comum. Procuro manter uma organização, mesmo quando salvo vários arquivos de uma mesma tarefa, quando finalizo, procuro excluir os que não são úteis.” Os comentários apontam que o comportamento comum entre os discentes é o de salvar vários arquivos na fase de pesquisa, analisá-los posteriormente para identificar os que são relevantes e os que são irrelevantes. Com isso, os irrelevantes são excluídos e os relevantes entram para o processo de organização. Esse processo de salvamento de vários arquivos e uma análise minuciosa posterior indica uma percepção do discente que é a necessidade de se ter a posse do arquivo, mesmo não sabendo se ele é útil ou não. Possuindo o arquivo, ele jamais será perdido, o que prescindirá outro processo de busca para a recuperação dele novamente.

A sentença do número 24 do questionário, que abordava o assunto de possível exclusão de arquivos percebidos como não mais úteis, pode ser relacionada com o comportamento acerca do salvamento excessivo de arquivos. A distribuição das respostas à sentença é apresentada na linha de baixo no Gráfico 2, que mostra que 32,3% (n=87) dos participantes discordam que quando um arquivo não é mais útil, ele deve ser excluído. Porém, o gráfico evidencia uma diferença pequena na variação das respostas: 28,3% (n=76) concordaram e 28,6% (n=77) concordaram totalmente com a sentença. Esta semelhança entre as categorias de respostas pode ser mais compreensível ao ler alguns comentários como: “Se for documentos/trabalhos, gosto de deixar no HD por segurança”; “Mantenho o arquivo, caso precise no futuro.”; “Enviar para nuvem para ficar armazenado”; “Memória é recurso limitado, não faz sentido acumular arquivos inúteis.”; “Realocar em certas pastas, talvez ter menos *backups* daqueles documentos, mas excluir é bem raro”; e “É um pouco como um TOC (transtorno obsessivo-compulsivo) relacionado à acumulação: muitas vezes é difícil dizer que um arquivo não terá serventia no futuro.” Os comentários apontam que há uma relutância quanto ao apagamento dos arquivos que são

percebidos como não mais úteis, com exceção dos participantes que pontuaram que a memória do computador é algo bastante importante para eles. Além disso, destacam que realizam outras atividades para evitar a exclusão: realocam para HDs externos, nuvem ou outras pastas que não serão acessadas com grande frequência. Isso acaba atribuindo ao HD e aos serviços de armazenamento em nuvem o caráter de “arquivo intermediário”, uma vez que ele guardará arquivos que são considerados importantes, mas que não terão grande acesso.

Observando esse comportamento junto com o que foi mencionado anteriormente acerca do salvamento de vários arquivos para a realização de uma tarefa, permite uma conclusão da necessidade de haver um letramento informacional para os discentes da universidade. Seria interessante a oferta de práticas educacionais que os instruisse sobre o uso das bases de dados e da tranquilidade acerca de que mesmo um arquivo sendo excluído, ele pode ser acessado novamente dentro dessas bases de dados. Isso pode influenciar e até modificar essa necessidade constante de obter todos os arquivos possíveis, mesmo não tendo certeza sobre a utilidade deles para a execução da tarefa. Isso, posteriormente, evita maior consumo da memória do dispositivo em que está sendo salvo e inibe a necessidade de salvamento do maior número possível de arquivos.

Outro comportamento identificado pela pesquisa é a resistência de fazer novamente o *download* de um arquivo que já fora salvo anteriormente. Os dados apontam uma variação quanto à concordância ou discordância da sentença da questão 19 do questionário: “Se eu não encontrar rapidamente um arquivo que tinha salvo, apenas faço o *download* dele novamente”. Acerca dela, 31,2% (n=84) concordaram totalmente; 27,9% (n=75) concordaram e 26,8% (n=72) discordaram e 14,1% (n=38) discordaram totalmente da sentença. Observa-se uma pequena variação entre as respostas a esta sentença, que também ocasionou comentários como “Apenas faço o *download* do arquivo novamente caso esteja precisando com muita urgência e que, por algum motivo, não esteja na pasta/subpasta adequada/correta”; “Só se eu tiver salvo ele em um lugar que o dispositivo que eu esteja usando naquele momento não tenha acesso rápido. Ainda assim, saberia onde está.”; “Baixar de novo pra perder de novo? Não! Vou até achar.”; e “Prefiro encontrar o arquivo pra não ficar lotando meu computador toda vez.”. Esses comentários pontuam a resistência indicada, como também a confiança no seu processo de organização e na memória de que haviam salvo anteriormente o arquivo em questão. Além disso, há os primeiros indícios acerca da preocupação

do consumo da memória do computador, seja do dispositivo que está utilizando ou a do serviço de armazenamento em nuvem.

Acerca da busca e seleção dos arquivos na Internet, a questão 25 apresentou a seguinte sentença para os participantes sobre o assunto: “Eu me sinto capacitado em selecionar, facilmente, arquivos da Internet que sejam necessários para o projeto/tarefa que preciso fazer.” A tabela 2 mostra os dados coletados para esta questão:

Tabela 2 - Percepção dos discentes sobre a capacidade de seleção de arquivos na Internet

Escala Likert	Porcentagem de respostas (%)
Concordo totalmente	35,3
Concordo	45,7
Discordo	15,2
Discordo totalmente	3,7

Fonte: Dados da pesquisa

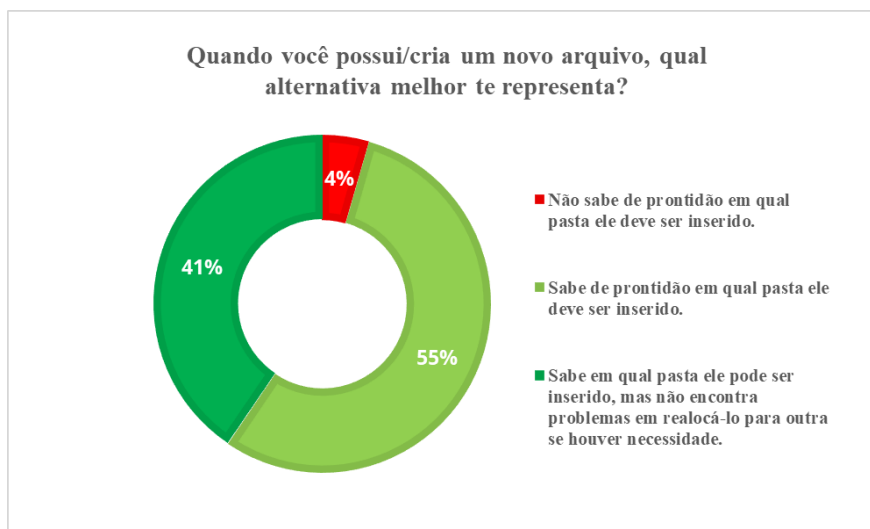
Observa-se que a maioria dos discentes (81%, totalizando as respostas em “concordo totalmente” e “concordo”) se vê como tendo capacidade de selecionar arquivos relevantes online. Porém, os comentários relativizam essa aparente certeza quanto à capacidade autodeclarada para esta prática de seleção de arquivos online, pois alguns deles apontam uma certa insegurança: “Na maioria das vezes, sim. Mas, às vezes, principalmente em bases de dados de artigos científicos, vêm muita coisa desnecessária junto. E filtrá-las dá certo trabalho.”; “sim, porém nada como sempre aprender mais sobre as buscas”; “Falando em específico da minha área, às vezes faço *download* de inúmeros arquivos na internet até encontrar o que realmente preciso. Acontece isso tanto em projetos, pesquisa ou estudo.”; “Isso depende do meu grau de familiaridade com o assunto e o nível da minha pesquisa, pois em fase inicial, costumo armazenar muitos arquivos que acabo não utilizando.” Estas falas corroboram com a prática de salvar mais arquivos do que necessário e eles não serem utilizados ou, após avaliar, verificar a inutilidade deles para a tarefa à mão e assim, excluí-los.

Pode-se afirmar que tais comentários apontam a necessidade de maior competência em informação (ou letramento digital) quanto a esse tipo de prática, uma vez que, por mais que eles concordem que saibam, existem certas atividades que não são bem executadas, como a de avaliar

a utilidade do arquivo antes mesmo de salvar. A importância da habilidade de avaliar nos remete ao fato que quando Paul Gilster popularizou o termo “letramento digital” em 1997 (Martin 2006 p. 18), ele enfatizou que se refere à competência da avaliação crítica daquilo encontrado na internet mais do que as habilidades técnicas para encontrá-lo.

No que concerne ao mapeamento dos perfis de categorização de informações pessoais entre os discentes da universidade, foi apresentada uma questão de caráter fechada, com três alternativas, em que cada uma corresponde a um tipo de esquema mental. A questão apresentada para o participante era “Quando você possui/cria um novo arquivo, qual alternativa melhor te representa?”. A alternativa “Não sabe de prontidão em qual pasta ele deve ser inserido” se refere ao esquema mental fluído. A alternativa “Sabe de prontidão em qual pasta ele deve ser inserido” se refere ao esquema mental rígido e a alternativa “Sabe em qual pasta ele pode ser inserido, mas não encontra problema em realocá-lo para outra se houver necessidade” se refere ao esquema mental flexível. O gráfico abaixo apresenta os dados coletados:

Gráfico 3 – Esquemas mentais dos discentes universitários



Fonte: Dados da pesquisa

Observa-se que a maior parte dos discentes da universidade são do modelo rígido (55%, n=148). Em seguida, têm-se o modelo flexível (41%, n=109) e por último, o modelo fluído (4%, n=12). Com isso, pode-se entender que a maior parte dos discentes possuem muito bem definido o seu modelo de organização, seja sabendo exatamente onde alocar os arquivos ou no processo de

realocação deles. Concomitantemente, isso corrobora com a ideia de que os discentes confiam no seu processo de organização que já está bem definido, além de demonstrar que é muito pequena a porcentagem daqueles que não possuem um processo de organização ou encontram dificuldades em manter. Compreendendo os modelos mais pertinentes, possibilita uma maior percepção no desenvolvimento de tecnologias para o armazenamento de arquivos, uma vez que elas serão desenvolvidas baseadas no comportamento do(s) modelo(s) mais presentes. No caso dos participantes desta pesquisa, um software que apresentasse as ferramentas ideais para o usuário dentro do modelo rígido ou flexível, provavelmente, teria maior sucesso dentro da comunidade discente.

Além disso, o mapeamento dos modelos permite também uma melhor compreensão da instituição sobre a forma como os discentes se relacionam com o seu modelo de organização. Dessa forma, o setor de referência da biblioteca poderia basear o seu trabalho e suporte a partir do comportamento do usuário sobre a sua forma de organização.

As três perguntas finais do questionário visavam mapear a busca de conteúdos que ajudassem os discentes na organização dos arquivos e o interesse em consumir materiais dessa temática. Um total de 80% dos discentes (n=215) afirmaram que não buscaram algum conteúdo para saber como organizar os arquivos. Em contrapartida, 62% (n=168) afirmaram que acha interessante a oferta de minicursos e materiais instrucionais sobre a temática e que certamente participaria; 29% (n=78) afirmou que acha interessante, mas não teria tempo de participar e 9% não acha interessante a oferta de alguma atividade relacionada à organização de arquivos.

Os dados indicam que os discentes possuem interesse em saber mais sobre a temática e poder aprimorar o seu processo de organização, mesmo que tenham bastante confiança nele. Dessa forma, isso corrobora com a necessidade de atividades educacionais, baseadas em letramento informacional e digital, estimulando competências informacionais que possibilitem uma melhor busca, organização e recuperação da informação pelos discentes.

A partir dos dados apresentados, foi possível realizar o mapeamento sobre as práticas e percepções dos discentes da universidade. Percebe-se que, apesar dos alunos possuírem um processo de organização dos seus arquivos digitais bem definido e que atende, na sua maior parte,

os objetivos impostos por eles, há certas práticas que poderiam ser ou aprimoradas ou mitigadas para um melhor desempenho no processo de gerenciamento e busca da informação.

5 Conclusões

É importante destacar que quando uma informação – seja ela pessoal, organizacional, estrutural ou de outro caráter – está organizada, sistematizada e gerenciada a partir de uma lógica funcional para o uso, facilita com que ela seja recuperada. Sendo sua recuperação bem-sucedida e em um menor tempo possível, permite com que o usuário possa utilizá-la o quanto antes para a solução de um problema. Dessa forma, a organização das informações permite que o processo de tomada de decisões seja eficaz e rápido, impedindo barreiras e atrasos em diversos processos. De forma geral, a pesquisa conseguiu compreender que os discentes, em maioria, possuem um sistema de organização e confiam nele. Demonstram que tem conhecimento em entender quais práticas são prejudiciais no processo de recuperação e como podem mitigar (manter um sistema padronizado de pastas, utilizar o buscador do sistema, uso de atalhos e acesso rápido, dentre outros).

Ademais, é importante reiterar que a problemática central deste trabalho consistiu em tentar entender algumas práticas de arquivamento pessoal digital e como o grupo de participantes desta pesquisa armazenam, organizam e recuperam seus arquivos particulares relacionados aos seus estudos e à vida em geral. E assim, foi possível compreender como que os discentes buscam e entendem sobre sistemas de organização da informação e quais são os valores atribuídos às informações que produzem ou que julgam ser necessárias para determinadas tarefas. Mesmo não tendo feita alguma pergunta no questionário sobre as bibliotecas do sistema de bibliotecas da universidade, é de nosso entendimento, que os resultados apontam para a necessidade dessas unidades elaborarem sessões de letramento que foquem nessas competências de busca, salvamento e organização de arquivos digitais, uma vez que isso pode vir a um grande auxílio durante a vida acadêmica dos discentes.

A pesquisa conseguiu mapear comportamentos dos discentes: o salvamento de vários arquivos para a realização de uma tarefa; relutância em apagar arquivos que julgam ser importantes

para o futuro; transferência dos arquivos mais importantes para a nuvem e HDs externos, caracterizando-os como arquivos intermediários e certeza sobre o que está salvo dentro do seu sistema de organização. Não obstante, foi possível compreender uma diferença de tratamento entre os arquivos utilizados com mais frequência dos arquivos salvos há muito tempo, sendo os últimos, na maior parte das vezes em um processo de organização não tão bem recordado pelo participante, tanto que indica uma dificuldade de encontrá-los em um processo de busca.

De modo geral, pode-se concluir que há necessidade continuada, por parte dos bibliotecários universitários, de ofertar eventos (oficinas, minicursos ou palestras) voltados para o letramento informacional e digital que, além de abordar aspectos de como procurar, recuperar, acessar, avaliar e utilizar os arquivos da Internet, dão ênfase também à área de organização de arquivos, em que serão explicitados pontos sobre como moldar um sistema de organização ideal para a forma como o discente lida com os seus arquivos e mantê-los durante todo o seu tempo na graduação ou pós-graduação. Dessa forma, é importante a instrução dos usuários sobre como avaliar melhor se determinado arquivo atende a necessidade de uma determinada tarefa, evitando o salvamento excessivo de arquivos digitais e o consumo do espaço de armazenamento, ponto essencial identificado para os participantes da pesquisa.

De forma geral, a presente pesquisa conseguiu montar uma base sobre o comportamento dos discentes da graduação da pós-graduação de uma universidade acerca do processo de organização, gerenciamento e arquivamento digital pessoal. Essa base poderá, como dito acima, subsidiar o trabalho dos bibliotecários de referência na elaboração de programas de competência em informação. Além disso, as percepções dos discentes sobre essas práticas demonstram como eles se relacionam e dão importância para elas, fornecendo informações interessantes sobre como o ciclo de uso do arquivo é realizado e quais são os pontos negativos e positivos mapeados. Por fim, as informações apresentadas no presente estudo podem ser alicerces para futuras pesquisas sobre a mesma temática e que poderão, principalmente, olhar para os softwares de armazenamento em nuvem uma vez que, como foi apresentado aqui, são amplamente utilizados pelos discentes universitários. Ao passo disso, são vistos como uma forma segura de armazenar os arquivos com maior prioridade, o que os caracteriza, para os participantes, como os locais mais confiáveis para o salvamento de arquivos digitais pessoais. Ademais, destaca-se que seria interessante pesquisas

que buscassem mapear de forma distinta os comportamentos de discentes considerando as áreas de estudo que se inserem (exatas, humanas e biológica). Assim, seria possível elucidar sobre questões se a área pode influenciar na forma como um discente lida com seus arquivos ou quais são os tipos de arquivos digitais pessoais mais criados ou salvos pelos discente dentro de cada área.

Referências

- American Library Association. "Questions of Presidential Committee on Information Literacy: Final Report". *Association of College & Research Libraries*, 10 Jan. 1989, <https://www.ala.org/acrl/publications/whitepapers/presidential>. Acessado 09 out. 2021.
- Barreau, Deborah K. "Context as a factor in personal information management systems". *Journal of the American Society for Information Science*, vol. 46, no. 5, 1995, pp. 327-339.
- Caregnato, Sônia Elisa. "The development of information skills: the role of university libraries in the context of digital information network". *Revista de Biblioteconomia & Comunicação*, v. 8, n. 1, 2000, p. 47-55.
- Chyung, Seung Youn, et al. "Evidence-based survey design: the use of a midpoint on the Likert scale". *Performance Improvement*, vol. 56, no. 10, 2017, pp. 15-23.
- Hashemzadeh, Mohammad Javad, and Salehnejad, Zahra. "Personal information management behavior among postgraduate students of University of Birjand". *4th International Symposium on Emerging Trends and Technologies in Libraries and Information Services*, 2015, pp. 307-311.
- Hatschbach, Maria Helena de Lima, e Olinto, Gilda. "Competência em informação: caminhos percorridos e novas trilhas". *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, vol. 4, no. 1, 2008, pp. 20-34.
- Jacques, Jerry. "Définition des compétences propres à l'organisation des collections d'informations personnelles numériques". *Universidade Católica de Louvain: Informação e comunicação*, 2016, https://dial.uclouvain.be/pr/boreal/fr/object/boreal%3A174446/datastream/PDF_01/view. Acessado 20 ago. 2021.
- Jacques, Jerry, et al. "Organizing personal digital information: an analysis of faculty member activities". *Journal of Documentation*, 2020, pp. 401-419.
- Jones, William P., and Teevan, Jaime. "Personal information management". *University of Washington Press*, 2007.

- Khoo, Christopher S. G., et al. "How users organize electronic files on their workstations in the office environment: a preliminary study of personal information organization behaviour". *Information research*, vol. 11, no. 2, 2007, pp. 12-2.
- Kim, Sujin, et al. "Analysis of college students' personal health information activities: online survey". *Journal of medical Internet research*, vol. 20, no. 4, 2018.
- Krtalić, Maja, et al. "Personal digital information archiving among students of social sciences and humanities" *Information Research: An International Electronic Journal*, vol. 21, no. 2, 2016, p. 2.
- Martin, Allan. "Literacies for the digital age". *Digital literacies for learning*, Facet Publishing, 2006, pp. 3-25.
- Mizrachi, Diane, and Bates, Marcia J. "Undergraduates' personal academic information management and the consideration of time and task-urgency". *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, vol. 64, no. 8, 22 Nov. 2013, pp. 1590-1607.
- Oh, Kyong Eun. "Types of personal information categorization: rigid, fuzzy, and flexible". *Journal of the Association for Information Science and Technology*, vol. 68, no. 6, 2017, pp. 1491-1504.
- Otopah, Francis Osae, and Dadzie, Perpetua. "Personal information management practices of students and its implications for library services". *Aslib Proceedings*, Emerald Group Publishing, 2013, <https://doi.org/10.1108/00012531311313970>. Acessado 25 maio 2020.
- Ray, Anirban. "Digital Literacy". *Encyclopedia of Information Science and Technology*, IGI Global, 2018, pp. 2225-2234.
- Swigon, Marzena. "Personal knowledge and information management behaviour in the light of the comparative studies among Polish and German students". *Proceedings of ISIC: the information behaviour conference*. 2014, <http://InformationR.net/ir/19-4/isic/isic17.html>. Acessado 18 maio 2018.
- Teevan, Jaime, et al. "Personal information management (PIM) 2008." *ACM SIGIR Forum*, vol. 42, no. 2, 2008.

Dados da pesquisa

DOI : <https://doi.org/10.6084/m9.figshare.17105879.v2>

Copyright: © 2022 Bertazzi, Pedro, and Furnival, Ariadne Chloe Mary. This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons CC Attribution-ShareAlike (CC BY-SA), which permits use, distribution, and reproduction in any medium, under the identical terms, and provided the original author and source are credited.

Received: 02/12/2021

Accepted: 11/02/2022